




Correspondência às Autoras

Késia Maria Maximiano de Melo  
E-mail: kesia\_maximiano@yahoo.com.br  
Universidade Federal de Santa Maria  
CV Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/0372441137163055>

Tânia Fernandes Silva  
E-mail: drataniaf@yahoo.com.br  
Universidade Federal de Santa Maria  
CV Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/4015537212551209>

Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel  
E-mail: amarahb@gmail.com  
Universidade Federal de Santa Maria  
CV Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/4493139078966391>

Submetido: 30 ago. 2023  
Aceito: 13 set. 2023  
Publicado: 19 nov. 2023

 10.20396/riesup.v11i00.8674033  
e-location: e025026  
ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



## “Vai ter oficina hoje?”: Notas sobre estratégias didáticas para condução/construção de uma disciplina de terapia ocupacional

Késia Maria Maximiano de Melo  <https://orcid.org/0000-0003-1397-2688>

Tânia Fernandes Silva  <https://orcid.org/0000-0002-9741-313X>

Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel  <https://orcid.org/0000-0002-7932-3659>

### RESUMO

**Introdução:** Elaborar processos formativos envolve pensar como determinados conhecimentos podem ser construídos frente às apreensões prévias e aos contextos de vida nos quais os sujeitos envolvidos se inserem. **Objetivo:** Este texto tem como objetivo, portanto, descrever a construção/condução de uma disciplina do curso de terapia ocupacional. **Metodologia:** Toma como metodologia as oficinas de atividades, amparada nos aportes da terapia ocupacional social. **Resultados:** Notou-se que esta metodologia possibilitou a ampliação de estratégias didáticas e pedagógicas. **Conclusão:** Com a proposição das oficinas de atividades, percebeu-se um maior nível de envolvimento dos alunos e assimilação dos conceitos com a realidade social, um maior nível de interação durante as aulas, além de uma apreensão mais crítica dos conteúdos estudados.

### PALAVRAS-CHAVE

Estratégias didáticas. Oficinas. Terapia ocupacional. Formação. Ensino Superior.

## “Will there be a workshop today?": Notes on didactic strategies for conducting/building an occupational therapy discipline

### ABSTRACT

**Introduction:** Elaborating formative processes involves thinking about how certain knowledge can be constructed in the face of previous apprehensions and the life contexts in which the subjects involved are inserted. **Objective:** This text aims, therefore, to describe the construction/conduction of a discipline of the occupational therapy degree. **Methodology:** It takes workshops of activities as its methodology, supported by the contributions of social occupational therapy. **Results:** It was noticed that this methodology enabled the expansion of didactic and pedagogical strategies. **Conclusion:** With the proposition of activity workshops, a higher level of student involvement and assimilation of concepts with social reality, and a higher level of interaction during classes, in addition to a more critical apprehension of the studied contents, were observed.

### KEYWORDS

Didactic strategies. Workshops. Occupational therapy. Training. University Education.

## “¿Habr  taller hoy?": Apuntes sobre estrategias did cticas para conducir/construir una disciplina de terapia ocupacional

### RESUMEN

**Introducción:** Elaborar procesos formativos implica pensar cómo se pueden construir determinados saberes frente a las apprehensiones previas y los contextos de vida en los que se insertan los sujetos involucrados. **Objetivo:** Este texto tiene como objetivo, por lo tanto, describir la construcción/conducción de una disciplina del curso de terapia ocupacional. **Metodología:** Toma como metodología los talleres de actividades, apoyados en los aportes de la terapia social ocupacional. **Resultados:** Se observó que esta metodología permitió la ampliación de estrategias didácticas y pedagógicas. **Conclusión:** Con la propuesta de talleres de actividades se not  un mayor nivel de involucramiento de los estudiantes y asimilación de conceptos con la realidad social, un mayor nivel de interacción durante las clases, además de una apprehensi n más crítica de los contenidos estudiados.

### PALABRAS CLAVE

Estrategias didácticas. Talleres de trabajo. Terapia ocupacional. Capacitación. Enseñanza Superior.

### CRedit

- **Reconhecimentos:** N o se aplica.
- **Financiamento:** N o se aplica
- **Conflitos de interesse:** Não há conflito de interesse.
- **Aprova o  tica:** Não se aplica.
- **Disponibilidade de dados e material:** Não se aplica.
- **Contribui es dos autores:** Késia Maria Maximiano de Melo foi responsável pela concep o, sistematiza o dos dados, reda o e revisão do texto. Tânia Fernandes Silva e Amara Lucia Holanda Tavares Battistel foram responsáveis pela reda o e revisão final do texto. Todas as autoras aprovaram a versão final do texto.

**Editoras de Se o:** Maria de Lourdes Pinto de Almeida e Charlene Bitencourt Soster Luz

## Introdução

A educação bancária ou educação antidialógica, criticada por Paulo Freire, ainda sustenta boa parte das estratégias didáticas utilizadas nas disciplinas de graduação de todo o país. Em sua crítica, o autor faz uma analogia da educação com um “ato de depositar” o conhecimento, em que o educando é um “depositário” e o educador “depositante”; o educador faz um “comunicado” que é recebido mecanicamente, memorizado e repetido (Freire, 1987). Portanto, esse método, nada dialógico, se materializa, principalmente, por meio de aulas expositivas com o auxílio de projetor, em que os estudantes são espectadores e ocupam um lugar passivo, acrítico, memorizador, em que “recebem” o conteúdo, além de vivenciarem um possível distanciamento entre teoria e prática na formação profissional e acadêmica (Peretti; Yared; Bitencourt, 2021, p. 03).

À vista disso, Freire, ao criticar essa abordagem de ensino, propõe uma educação transformadora a partir da teoria dialógica da ação, denominada de “educação libertadora” em oposição a “educação bancária”, tendo como o seu principal elemento uma educação em “co-laboração” entre os sujeitos por meio do diálogo/comunicação (Freire, 1987), partindo do encontro de sujeitos interlocutores (Freire, 1980, p. 69).

Nesse movimento de co-laboração proposto por Paulo Freire e a partir das inquietações é que surge a subárea. Portanto, registra-se, no final da década de 1970, num cenário de intensa ebulição política que abria espaço para a participação da população na luta por direitos de cidadania e intenso debate de alternativas à ordem econômica vigente (Lopes, 2016). Por um lado, havia uma crítica às abordagens frente às desigualdades sociais que se sustentavam em aparatos teóricos cuja centralidade apontava para a dicotomia saúde-doença, medicalizando e individualizando problemas sociais, e, portanto, coletivos; e por outro, a problematização acerca do lugar do técnico, inspirada pelos debates de Antônio Gramsci sobre o lugar do intelectual orgânico na manutenção do *status quo* (Barros *et al.*, 2002; Malfitano, 2005; Galheigo, 2016). Assim, nos anos 1990, a subárea começa a ganhar corpo teórico-metodológico, predominantemente em Instituições de Ensino Superior (IES) localizadas no Sudeste do país, região onde os esforços mais expressivos para a sua construção da subárea se deram, sobretudo, a partir da criação de um projeto de extensão – hoje, uma grande rede – que há quase três décadas se dedica às elaborações e sedimentação de um aparato teórico metodológico que subsidie a ação técnica. Portanto, somente em 2011, que a terapia ocupacional se inseriu, politicamente, passando a compor oficialmente as equipes do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), fortalecendo as ações que visem a participação e inserção social de grupos marcados pelas desigualdades sociais.

Por conseguinte, novos sujeitos e novos contextos de atuação passaram a exigir novas metodologias para as intervenções. A essas elaborações, a Terapia Ocupacional social nomeou de tecnologias sociais que se compõem como possibilidades metodológicas de ação no campo e consideram a abordagem junto aos sujeitos individuais e coletivos.

As oficinas de atividades, dinâmicas e projetos, tecnologia social utilizada pela terapia ocupacional social, são entendidos como espaços de convivência e aproximação dos sujeitos, em que podem ser utilizadas atividades diversas (corporais, lúdicas, plásticas, entre outras) como recursos mediadores em sua operacionalização, buscando a aproximação com as demandas dos sujeitos parametrizadas pelas noções de cidadania, direitos/deveres e participação democrática (Lopes *et al.* 2014; Silva; Malfitano, 2021), podendo ser utilizadas como metodologia para o trabalho na proposição de intervenções que transitam entre o nível individual e coletivo (Pan; Lopes; Borba, 2022).

Em busca de uma educação libertadora a partir da teoria dialógica de Paulo Freire, a disciplina de Terapia Ocupacional no campo social, em alguma medida, partindo da realidade concreta dos alunos, e das suas concepções prévias, experiências, formas de ver o mundo, metodologicamente, foram propostas oficinas de atividade para o desenvolvimento dos encontros/aulas e construções conceituais.

Partindo desses pressupostos e em busca de uma educação libertadora a partir da teoria dialógica de Paulo Freire, a disciplina de Terapia Ocupacional no campo social, oferecida pelo Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, em alguma medida, parte da realidade concreta dos alunos, e das suas concepções prévias, experiências, formas de ver o mundo, para propor em sua, metodologia, oficinas de atividades para o desenvolvimento dos encontros/aulas. Ademais, compreende-se as oficinas de atividades dinâmicas e projetos como metodologias que os alunos deverão aprender a manejar e utilizar para as intervenções em terapia ocupacional social, o que explica a escolha desta metodologia.

Ressalta-se desde sua criação em 2009, o curso de Terapia Ocupacional da UFSM contava com disciplinas predominantemente voltadas para a produção de cuidado e saúde, de modo que os referenciais que a subsidiam são transversais a todo o curso. As disciplinas de Terapia Ocupacional Social e de Estágio Supervisionado em Terapia Ocupacional no Campo Social passam a compor a grade curricular obrigatória do curso no ano de 2018, a partir da reforma curricular. Vale salientar que ainda assim, os conhecimentos necessários para as discussões da terapia ocupacional social ainda são escassos na grade curricular obrigatória, demandando metodologias que viabilizem as construções didáticas.

Assim, este relato de experiência tem como objetivo central descrever os caminhos percorridos, até o momento, na disciplina de Terapia Ocupacional no campo social, por meio da metodologia de abordagem dos processos formativos em terapia ocupacional social, tendo como ferramenta principal as oficinas de atividades numa perspectiva da tecnologia social. Para tal, foram registrados em diários de campo, anotações acerca do desenvolvimento das atividades, ocorridas no período compreendido entre 15 de setembro de 2022 e 04 de fevereiro de 2023, em decorrência do não ajuste do calendário letivo tendo em vista a pandemia por COVID-19.

## A disciplina e as oficinas: tecendo construções coletivas

A disciplina de terapia ocupacional no campo social é teórico-prática. Sua oferta é semestral com carga horária de 75 horas. No segundo semestre de 2022 contou com a participação das estagiárias do estágio supervisionado em terapia ocupacional social, e ainda, com o apoio de uma monitora. Seus objetivos giram em torno de construir, junto ao aluno, aparato teórico e prático, considerando as dimensões ética, técnica e política, para o desenvolvimento de intervenções, junto aos sujeitos individuais e coletivos que sofrem com os processos de exclusão e marginalização social, com vistas à sua inserção e participação social.

Nesse sentido, a disciplina se estruturou em três blocos: 1) Conceitos; 2) História, Fundamentos, Recursos e Interfaces; 3) Práticas. A construção dessa sequência se deu pela necessidade de um investimento mais sistemático com o intuito de maximizar o aproveitamento dos conteúdos da disciplina, visto a predominância de disciplinas voltadas para a área das ciências da saúde e da reabilitação, e ainda, considerando a ausência de terapeutas ocupacionais que trabalhem a partir dos referenciais teórico-metodológicos e preocupações da terapia ocupacional social, na cidade de Santa Maria – RS.

Compreende-se que, ao apresentar e sedimentar referenciais teóricos e questões, que até aquele momento da formação não se configuravam como alinhadas, às preocupações da terapia ocupacional, pelos alunos, mediante a trajetória percorrida até aquele momento do curso, e ainda, considerar que boa parte deles se intitulam estudantes de um curso de saúde, são desafios de diversas ordens, sobretudo, didáticos.

Assim, considerando os objetivos deste trabalho, a estrutura do bloco Conceitos é apresentada e abordando os seguintes tópicos: Tema; Leitura para esta aula, atividade em sala de aula (Figura 1).

**Figura 1.** Sequência didática e estrutura do bloco 1 - Conceitos

	TEMA(S)	LEITURAS PARA ESTA AULA	ATIVIDADE EM SALA
1	- Rodada de apresentação - Aula: <b>Terapia Ocupacional Social - Apresentando o campo</b> - Apresentação do plano, cronograma e pactos para o andamento da disciplina	Sem indicações	- Oficina: "O que me mobiliza na terapia ocupacional?"
2	- Aula: <b>Questão Social, Redes Sociais de Suporte e Pobreza</b>	<b>Prévia:</b> - CASTEL, R. Da indigência à exclusão, a desfiliação. Precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: LANCETTI, A. (Org.). <i>Saúde loucura</i> . São Paulo: Hucitec, 1994. p. 21-48. <b>Complementar:</b> - CASTEL, R. As transformações da questão social. In: BELFIORE-WANDERLEY, M.; BÓGU'S, L.; YAZBEK, M. C. <i>Desigualdade e a Questão Social</i> . São Paulo: EDUC, 2000. p.17-50	- Oficina: <i>Cenas cotidianas I</i>
3	- Aula: <b>Marcadores Sociais da Diferença, Interseccionalidade e Justiça Social</b>	<b>Prévias:</b> - MELO, K. M. M.; MALFITANO, A. P. S.; LOPES, R. E. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. <i>Cadernos Brasiletros de Terapia Ocupacional</i> , São Carlos, v. 28, n. 3, p. 1061-1071, 2020. <a href="https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1877">https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1877</a> - FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". <i>Cadernos de campo</i> , São Paulo, n. 14/15, p. 231-239, 2006. <a href="https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50109/54229">https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50109/54229</a>	- Oficina: <i>Cenas cotidianas II</i>
4	- Aula: <b>Cidadania, Direitos Sociais e Políticas Públicas</b>	<b>Prévia:</b> - LOPES, R. E. Cidadania, Direitos e Terapia Ocupacional Social. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Org.). <i>Terapia Ocupacional Social: Desenhos Teóricos e Contornos Práticos</i> . São Carlos - SP: <i>EduFSCar</i> , 2016. p. 29-48.	- Oficina: <i>Refletindo sobre desvantagens e necessidades humanas</i>
5	- Sintetizando os conceitos do bloco	Sem leitura	- Oficina: <i>Jogo da cidadania</i>

Fonte: Elaboração das autoras

Considerando que as aulas teóricas tinham quatro horas de duração, as atividades foram estruturadas da seguinte forma: as primeiras duas horas consistiam em rodas de conversa e exposição da temática central, e as duas últimas horas eram destinadas a atividades que possibilitasse aos alunos adensar as reflexões iniciadas durante a roda de conversa, utilizar os conceitos apresentados como fio analítico por dentro de problemas e situações que são relevantes mediante as preocupações da terapia ocupacional.

O primeiro bloco teve como objetivo trabalhar com a apresentação e discussão dos conceitos fundamentais para a construção da ação técnica em terapia ocupacional social em virtude da necessidade de se utilizar uma parte da carga horária para a construção dos debates, considerados essenciais e que não ocorreram em momento anterior à disciplina, no curso.

A aposta nas oficinas de atividades como estratégia metodológica para a construção dos conhecimentos básicos para a terapia ocupacional social decorre, sobretudo, de esta também se compor como uma estratégia metodológica de ação no interior da subárea (Lopes *et al*, 2011; 2014) e como uma abordagem educativa que visa, nos termos freireanos, a criatividade, a amorosidade e a dialética, proporcionando aos alunos um espaço de acolhimento, reflexão e apropriação dos conceitos na leitura crítica direcionada para a vida social (Aguiar; Silva, 2021). Assim, a construção da segunda parte das aulas, por meio deste formato, também se constituiu como experiência acionada para o bloco prático, o que seria anunciado na oitava aula, no segundo bloco, e retomado na décima primeira aula, no último bloco.

Desse modo, as temáticas trabalhadas em sala, o objetivo, e sua articulação com os demais conteúdos da disciplina, serão brevemente descritos e discutidos no tópico seguinte, com o intuito de contextualizar o uso das oficinas enquanto metodologia de facilitação dos processos de construção do conhecimento.

### **Primeiro encontro: Terapia Ocupacional social... O que é isso?**

No que diz respeito aos conteúdos, a primeira aula consistiu em uma apresentação da subárea, suas preocupações centrais e a articulação desta com os objetos de estudo e de ação da terapia ocupacional. Essa discussão se deu por dentro de uma narrativa histórica, marcando o contexto no qual o paradigma que a funda se constitui.

Foi realizado no dia 15 de setembro de 2022, e o encontro iniciou com todos sentados em formato de roda, com uma mesa no meio, e sobre ela, uma cartolina aberta, com recursos de diversos tipos, como fitas, *post-its* e canetas coloridas. Na lousa estava escrito: “*O que desejo produzir na vida das pessoas por meio da terapia ocupacional?*”. Convidei todos a sentar, e expliquei a atividade, que consistia em utilizar dos recursos disponíveis, à escolha de cada um, para construir um cartaz tomando a pergunta da lousa como norteadora. Na medida em que construíamos o cartaz, também conversávamos sobre as nossas contribuições.

Na sequência, fizemos uma rodada de apresentação, e conversamos sobre o cartaz, sobre o que precisamos pensar para construí-lo, quais as motivações e marcas na nossa história que atravessam os aspectos que nos mobilizam na terapia ocupacional, bem como nossos interesses e afinidades, e como poderíamos, coletivamente, pensar uma palavra que respondesse à pergunta disparadora. Em meio ao debate, escolhemos a palavra *Participação social*.

A participação social é um dos principais objetivos, de maneira direta ou indireta, em intervenções individuais ou coletivas, na produção cuidado em contexto de iniquidades sociais (Barros, 2005; Galheiro; Simó, 2012; Farias; Lopes, 2021), nesse sentido, a escolha da palavra que traduziria o que buscamos produzir ao construir e propor intervenções em terapia ocupacional, dialogava fortemente com a subárea e com o que os conhecimentos que objetivava se construir naquele bloco. A palavra, portanto, resultava da rede complexa de significados presente na relação entre os alunos e a terapia ocupacional, que se constitui no cotidiano das experiências de formação.

Após a escolha da palavra, conversamos e refletimos sobre as preocupações da subárea, os conhecimentos e conceitos que precisamos acionar para pensar as demandas do campo. Além disso, conversamos sobre o andamento e as tarefas da disciplina, bem como sobre sua estrutura.

### **Segundo encontro: Começando a caminhada conceitual**

O primeiro conceito estudado foi o de *Questão Social* (Castel, 1994; Barros *et al.*, 2005), tema central do segundo encontro do bloco. Através dele, foram abordados outros conceitos importantes para as proposições da terapia ocupacional social, tais como *vulnerabilidade social*, *desfiliação social*, *pobreza*, *integração* e *redes sociais de suporte* (Castel, 1994; 1997). Esses são conceitos e concepções transversais a todos os conteúdos trabalhados nos dois blocos que se seguem. O objetivo consistia em o aluno apreender as teias complexas formadas pela relação capital-trabalho, naquilo que diz respeito à dimensão relacional e produtiva, e como ela impacta os cotidianos e as formas de participação social, e centralmente, naquilo que diz respeito aos acessos a oportunidades, bens e serviços e sobretudo, aos direitos, através de uma lente analítica que inaugura os subsídios das primeiras práticas em terapia ocupacional social no Brasil, e até os dias atuais, se compõe como um dos referenciais teóricos de maior relevância.

Na primeira parte do encontro fizemos uma roda de conversa com perguntas disparadoras, como: “*Vocês já ouviram falar em Questão social?*” ou “*No que vocês pensam quando ouvem essa expressão?*”, que se desdobraram em discussões sobre como as dinâmicas da sociedade capitalista aloca determinados sujeitos em zonas entendidas como de integração, vulnerabilidade social, desfiliação social e assistência. Conversamos sobre as proposições do sociólogo Robert Castel e sobre como ele é uma referência importante naquilo que constitui as lentes com as quais a terapia ocupacional analisa as cenas da prática e produz ação técnica.

Na segunda parte da aula, fizemos a oficina *Cenas Cotidianas I*. Nela, a turma foi dividida em quatro grupos, e a cada grupo foi entregue uma história. Essas quatro histórias, hipoteticamente, narravam uma situação com a qual uma terapeuta ocupacional se encontrou em determinado território ou serviço, e ao final, trazia questões que revisitavam as discussões propostas pelo teórico que nos ajudavam a compreender aquelas cenas. O que balizava a discussão final, que ocorreu após as discussões nos subgrupos, era a inserção dos sujeitos do caso em zonas de integração, vulnerabilidade e desfiliação social. Também foram discutidos aspectos que subsidiariam as aulas finais deste bloco, e ainda, dos demais blocos da disciplina, tais como as repercussões desse lugar social na participação social dos sujeitos, na composição de seus cotidianos, no acesso a oportunidades que subsidiarão os projetos de futuro e modos de viver, entre outros.

A escolha de conduzir uma oficina que mobiliza cenas do cotidiano à luz de análises tomando como centralidade as proposições de Castel balizou dois eixos de discussão durante a oficina: 1) a discussão centrada nas apreensões analíticas necessárias ao terapeuta ocupacional para compreender aqueles casos, e; o compartilhamento de experiências individuais como forma de operacionalização da leitura da realidade a partir do conceito, mas também de reconhecimento da vivência, e sobretudo, do impacto daqueles atravessamentos, pela *Questão Social*. Esse processo de identificação também acaba por mobilizar a dimensão política da construção da ação técnica, que parte da análise crítica dos cenários de intervenção, considerando os diferentes atores, estruturas e dinâmicas sociais, e muitas vezes, se vendo como parte dessa engrenagem, em diferentes posições, a depender do momento. Sobre essa dimensão política, o segundo bloco abordou especialmente na aula de Fundamentos e História da Terapia Ocupacional, tendo em vista que uma das preocupações e inquietações vivenciadas por terapeutas ocupacionais, e que mobilizou, anos mais tarde, a criação e institucionalização da subárea, foi inspirada nas reflexões de Gramsci, acerca do lugar do intelectual nas relações de classe, o que levou à discussão sobre o papel político dos técnicos (Monzeli, 2022).

Aquela lente teórica parecia oferecer para os alunos ferramentas importantes em duas direções: Na primeira, voltando-se para como a leitura da realidade social é importante e necessária, sobretudo, na identificação das demandas concretas dos sujeitos, e na elaboração de estratégias (esta última, somente abordada no bloco seguinte); na segunda direção, as narrativas trazidas em muito se aproximava de alguma experiência já vivenciada por muitos alunos e que também encontram ferramentas analíticas nos debates apresentados. Nesse sentido, se segundo Barros et al (2002), a ação técnica em terapia ocupacional social visa, entre outros, provocar uma tomada de consciência coletiva para então mediar a produção de estratégias de participação social, na mirada da transformação social, o que parece se assemelhar às direções que os debates, por meio da oficina, proporcionaram em sala. Nesse sentido, uma das tecnologias sociais mais adotadas em intervenções em terapia ocupacional social também se compunha como a metodologia adotada para a condução dos encontros do processo formativo, oportunizando uma vivência com um recurso de trabalho que será posteriormente explorado.



### Terceiro encontro: Mais ideias para somar...

A terceira aula teve como objetivo trabalhar com as concepções dos *Marcadores sociais da diferença* (Melo; Malfitano; Lopes, 2020), *Interseccionalidade* (Crenshaw, 2000; Brah, 2002) e *Justiça Social* (Fraser, 2006). A partir deles, foram disparados debate sobre *reconhecimento, redistribuição, diferença, gênero, raça, sexualidade e geração*. Esses têm sido temas mais discutidos atualmente, sobretudo, em decorrência das demandas que têm-se colocado para a subárea e para a sociedade como um todo. Na última década, por exemplo, tem crescido muito o número pesquisas e de publicações que descrevem e discutem práticas, e ainda, artigos de reflexão, sobre as diferentes formas de opressão e expressão da desigualdade pela diferença sob a perspectiva da terapia ocupacional social (Costa, 2012; Monzeli; Ferreira; Lopes, 2015; Leite Junior; Melo, 2016; Lopes, 2017; Braga *et al.*, 2020; Farias; Leite Junior; Amorim, 2020; Pastore, 2020).

Monzeli (2022) defende que a leitura acerca dos marcadores sociais da diferença na terapia ocupacional social é essencial para fomentar uma compreensão mais acurada sobre as diferentes demandas dos sujeitos. Ele afirma: não é possível pensar e produzir ações que não considerem os marcadores sociais de raça, classe social, geração, regionalidade, religiosidade, dentre outros tão importantes para a realidade social (p. 10). Além disso, essa leitura possibilita aos alunos compreenderem as engrenagens sociais que transformam diferença em desigualdade, através dos códigos normativos (Butler, 2004), dos dispositivos de poder (Foucault, 2004) e dos sistemas de classificação. Nessa direção, assim como na aula anterior, muitos foram os atravessamentos e compreensões que se deram com base na discussão coletiva sobre algumas experiências individuais. Em boa parte das vezes, os sentidos de participação social, negação de direitos, acesso a oportunidades, normatividade, estigma e preconceito ganham corpo analítico no compartilhamento de vivências e memórias entre o grupo.

Na segunda parte do encontro, a oficina *Cenas Cotidianas II* se deu sob mesmo formato da primeira: com a turma dividida em quatro grupos, e cada grupo, com um caso para discussão e depois, a socialização do debate com a turma. Esses casos precediam algumas perguntas disparadoras das reflexões necessárias para as análises e também exigia debates que caminhassem numa direção mais problematizadora e desconstrutivista em relação às normativas sociais que transformam desigualdade em diferença.

Aposto, com essas reflexões e aproximações teóricas, na instrumentalização conceitual como ponto de partida para a elaboração de intervenções que, por um lado, preocupe-se com as demandas dos sujeitos que sofrem com as iniquidades sociais, e por outro, se oponha a todas as formas de opressão, exclusão e marginalização, tendo em vista a compreensão de que elas limitam o acesso à cidadania, contribuem para a manutenção das desigualdades sociais, e impedem o acesso à oportunidades, bem como à autonomia na produção dos projetos de futuro. Além disso, inviabilizam a produção de reconhecimento e respeito acerca de modos não hegemônicos de viver, e também cerceiam as liberdades, no sentido de consciência da situação vivida, como passo essencial para a transformação (Freire, 2011).

Farias e Lopes (2022), na contribuição de aportes para compor o debate acerca de um pensar/fazer terapêutico-ocupacional social para a antiopressão e intencionado para a liberdade, apontam que:

Parece necessária a elaboração de uma práxis terapêutico-ocupacional social para a antiopressão intencionada para a liberdade, que mire na vida cotidiana enquanto dimensão passível de movimentos de combate e ruptura com o status quo, em outras palavras, revolucionários (p. 03)

E esses movimentos de combate com o *status quo*, retomo, se sustentam, entre outras, na apreensão e no desvelar das estruturas que mediam a manutenção das desigualdades das mais diversas ordens: gênero, raça, sexualidade, classe social, etnia, geração, regionalidade, território, entre outros.

Neste encontro, mais uma vez, as problemáticas e experiências vivenciadas pelos alunos ganharam o centro do debate na oficina, sobretudo, naquilo que se assemelha com elementos das *Cenas cotidianas* debatidas nos subgrupos, oferecendo elementos ricos e potentes para a discussão.

#### Quarto encontro: O que fazer com tudo isso?

O quarto encontro mobilizou discussões em torno das concepções de *Cidadania*, *Direitos sociais* e *Políticas públicas*. Foram retomados os conteúdos discutidos nas duas aulas anteriores e avançamos na direção da problematização acerca do lugar do Estado e da sociedade frente às demandas postas pelas dinâmicas das desigualdades sociais.

O encontro começou no mesmo formato dos anteriores, em roda. Perguntas disparadoras foram lançadas, tais como “*Quem já ouviu falar em cidadania?*”, “*Qualquer pessoa pode ter direitos?*”, “*Por que precisamos de políticas públicas?*”, “*Como garantir que as políticas públicas funcionem?*”. Diversas foram as colaborações, e a discussão seguiu fértil. Foram apresentadas e discutidas concepções como *direito civil*, *direito social*, *direito social*, *política pública*, *política social*, *movimento social*. Alguns estudantes tinham se aproximado desses debates por meio de outros espaços, tais como os do movimento estudantil, o que trouxe falas muito potentes para as discussões que se davam com a turma.

Esses conteúdos ganhavam sentido e densidade para a turma, na medida em que iam se relacionando com discussões das aulas anteriores. Ao mesmo tempo, iam oferecendo pistas sobre eixos que norteavam as intervenções em terapia ocupacional social, bem como recursos, estratégias e possibilidades.

Na segunda parte do encontro, propus uma dinâmica que nomeei de *Dinâmica das desvantagens*. Ela foi inspirada na *Corrida dos privilégios*, criada, e difundida de forma viral pelo *Bshynaz Legacy Movement*, em seu canal no *Youtube*<sup>1</sup>. Essa dinâmica começa com um grupo de pessoas, de pé, lado a lado. É realizada uma série de perguntas acerca dos acessos e

<sup>1</sup> Para ver o canal: [https://www.youtube.com/channel/UC8315Oid66tUsY68eMdmg\\_A](https://www.youtube.com/channel/UC8315Oid66tUsY68eMdmg_A)

oportunidades que os sujeitos participantes tiveram ao longo da vida. Nenhuma dessas oportunidades foram frutos de suas conquistas. Os que respondem positivamente dão um passo à frente, e os que respondem negativamente, dão um passo atrás. Ao final da dinâmica é pedido para que todos observem a disposição da cena, e o ponto de partida de cada, em decorrência dos acessos possibilitados, experiências construídas, proteção e mínimos sociais garantidos.

Adaptando essa dinâmica, utilizamos balões, dadas as impossibilidades em decorrência da limitação do espaço físico da sala de aula. Cada aluno iniciou a dinâmica com três balões. Para cada resposta positiva, o aluno deveria pegar o balão de alguém (numa analogia ao fato de que para um candidato ingressar nos espaços públicos de educação superior, é preciso que outro candidato fique de fora, por exemplo), e para cada resposta negativa, o aluno deveria estourar o balão. Ao final, observava-se a disposição dos balões restantes, e conseqüentemente, quem está “munido de possibilidades” para uma vida próspera, diversa e protegida”. Dando seqüência na dinâmica, após refletirmos juntos sobre o lugar da macropolítica, da estrutura social, dos sistemas de desigualdade pela diferença, nas (im)possibilidades de participação social, foram lidas mais seis perguntas, cujas respostas, se positivas, autorizava ao autor da resposta a pegar o balão de alguém, mas se negativa, tinha um balão estourado.

As perguntas da finalização da dinâmica diziam respeito às políticas públicas, e mais especificamente, às políticas sociais, enquanto recurso mediador de acessos, e, portanto, através delas, era possível “ter mais um balão”. Assim, a discussão final relacionou os conceitos trabalhados não somente no presente encontro, mas nos anteriores.

A cidadania se compõe como o eixo norteador das ações em terapia ocupacional social (Galheigo, 1999), e as políticas públicas, como um importante recurso. Nesse sentido, entende-se que os conteúdos trabalhados até o quarto encontro foram amplamente debatidos, por meio dos espaços das oficinas, numa construção coletiva, com elementos do cotidiano, e com um caráter crítico-reflexivo, com grandes inspirações naquilo que se faz enquanto oficina de atividades em terapia ocupacional social.

#### **Quinto encontro: Sintetizando conceitos**

O último encontro teve como objetivo retomar os conceitos e concepções trabalhados durante todo o bloco e discutir a utilização deles na leitura da realidade social. Nesse sentido, a turma foi dividida em quatro grupos, e cada um desses grupos deveria escolher um representante, que deveria ficar em pé, com o corpo voltado para o centro da sala. No centro da sala estavam distribuídas placas, com diversas palavras, conceitos, e concepções estudadas e debatidas durante os três encontros anteriores.

Assim, foram projetadas questões em formato de slides, uma a uma, e ao sinal, a pessoa que representava o grupo deveria pegar a placa que correspondia à resposta ao que havia sido projetado. Havia um tempo para discussão do grupo, e os demais componentes também poderia procurar e apontar, mas não pegar, tarefa executada apenas pelo escolhido do grupo.

As perguntas apareciam em formato de múltipla escolha, ou de complete a frase. Também havia perguntas que narravam situações, e após elas, perguntava sobre algum conceito que atravessava a questão apresentada.

No total foram realizadas dezessete perguntas, para cada resposta o grupo dispunha de um minuto para discutir, escolher a placa e entregar. A cada entrega de respostas/placas, eram discutidas as dúvidas, questões, e eram também lembradas as discussões que foram realizadas na ocasião do tema. Em algumas perguntas o tempo de discussão era mais longo, normalmente aquelas que envolviam alguma situação hipotética.

Após a última oficina, foi apresentado o bloco seguinte, e informado sobre a tarefa de finalização do bloco, que envolvia a construção de um texto dissertativo aprofundando o conhecimento, por meio de revisão de literatura, sobre algum dos conceitos trabalhados durante o bloco.

## Considerações Finais

Os processos didáticos propostos em muito anunciam a relação que o estudante irá tecer com o objeto de estudo. Assim, estratégias de aprendizagem que convoquem o estudante a pensar na própria realidade, e conseqüentemente, na realidade que irá encontrar no campo de intervenção profissional, parecem favorecer o desenvolvimento das habilidades necessárias para a atuação, que se pauta na crítica, na posição política adotada, nos parâmetros técnicos escolhidos e na indispensável postura ética, que se tece no encontro com o outro e com a sua realidade.

Entendemos, por meio da execução da disciplina no semestre descrito que é preciso alinhar os conteúdos programáticos de modo que a apresentação dos conteúdos se relacione com a realidade concreta, desenhada pelos processos macroestruturais que impactam a vida dos sujeitos com o qual esse futuro profissional se encontrará no campo de desenvolvimento da ação técnica.

Este relato de experiência, nesse sentido, contém contribuições que visam subsidiar e potencializar outras vivências pedagógicas no campo da formação de terapeutas ocupacionais. Por isso, reafirmamos que a formação do terapeuta ocupacional é um espaço de constituição de um saber técnico que deve se constituir na crítica aos processos macrosociais que produzem as desigualdades sociais e impactam na produção de cotidianos mais autônomos, exigindo do profissional estratégias inventivas, e que dialoguem com suas realidades concretas.

## Referências

AGUIAR, Marcia de Medeiros; SILVA, Arthur Pedro de Moraes da. Oficinas educativas como metodologia no processo ensino-aprendizagem: construção e práticas. **Pesquisa e Debate em Educação**, v. 11, n. 2, p. 01-13, e31842, 2021.

- BARROS, Denise Dias; GHIRARDI, Maria Isabel Garcez., LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002.
- BRAGA, Iara Faleiros; *et al.*. Crise da democracia brasileira e o cotidiano de pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades: reflexões baseadas na terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 2, p. 693-705, 2020
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, v. 6, s.n., p. 329–376, 2016.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CASTEL, Roberto. Da indignância à exclusão, a desfiliação. Precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. *In*: LANCETTI, Antônio. (Org.). **Saúde loucura**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 21-48.
- CASTEL, Robert. As transformações da questão social. *In*: BELFIORE-WANDERLEY, Mariângela; BÓGUS, Luciana Maria Machado.; YAZBEK, Maria Carmelita. **Desigualdade e a Questão Social**. São Paulo: EDUC, 2000. p.17-50
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- COSTA, Samira. Terapia ocupacional social: dilemas e possibilidades da atuação junto a Povos e Comunidades Tradicionais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 20, n. 1, p. 43-54, 2012.
- FARIAS, Magno Nunes; LEITE JUNIOR, Jaime Daniel; AMORIM, Sulamita. Por uma formação e prática antirracista: considerações para a terapia ocupacional. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, v. 20, n. 2, p. 237-247, 2020.
- FARIAS, Magno Nunes; LOPES, Roseli Esquerdo. Circulação cotidiana e uma práxis terapêutico-ocupacional social. **Interface (Botucatu)**, v. 25, p. e200717, 2021.
- FARIAS, Magno Nunes; LOPES Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional social, antiopressão e liberdade: considerações sobre a revolução da/na vida cotidiana. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, spe, p. e3100, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, p. 7-20, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Trad. Kátia de Mello e Silva. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALHEIGO, Sandra Maria. Da adaptação psicossocial à construção do coletivo: a cidadania enquanto eixo. **Revista de Ciências Médicas PUCCAMP**, v. 6, p. 105-108, 1997.
- GALHEIGO, Sandra; SIMÓ Salvador. Maestras de la terapia ocupacional. Sandra Galheigo: la poderosa emergencia de la terapia ocupacional social. **TOG (A Coruña)**, v. 9, n. 15, p. 1-41, 2012.

- LEITE JUNIOR, Jaime Daniel; LOPES, Roseli Esquerdo. Travestilidade, transexualidade e demandas para a formação de terapeutas ocupacionais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 25, n. 3, p. 481-496, 2017.
- LOPES, Roseli Esquerdo. Cidadania, Direitos e Terapia Ocupacional Social. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata. (Org.). **Terapia Ocupacional Social: Desenhos Teóricos e Contornos Práticos**. São Carlos - SP: EdUFSCar, 2016, p. 29-48.
- LOPES, Roseli Esquerdo; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira ; TRAJBER, Natalia Keller de Almeida ; SILVA, Carla Regina ; CUEL, Brena Talita. Oficinas de Atividades com Jovens da Escola Pública: Tecnologias Sociais entre Educação e Terapia Ocupacional. **Interface (Botucatu)**, v. 15, p. 277-288, 2011.
- LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata; SILVA, Carla Regina; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira. Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: Ações com jovens pobres na cidade. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 22, p. 591-602, 2014.
- MALFITANO, Ana Paula Serrata. Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2005.
- MELO, Késia Maria Maximiano de. Terapia Ocupacional Social, pessoas trans e Teoria Queer: (re)pensando concepções normativas baseadas no gênero e na sexualidade/Social Occupational Therapy, transgender and Queer Theory: (re)thinking normative conceptions based in gender and sexualities. **Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 1, p. 215–223, 2016.
- MELO, Késia Maria Maximiano de; MALFITANO, Ana Paula Serrata; LOPES, Roseli Esquerdo. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social/ The social markers of the difference: contributions to social occupational therapy. **Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 3, p. 1061–1071, 2020.
- MONZELI, Gustavo Artur; FERREIRA, Vitor.; LOPES, Roseli Esquerdo. Entre proteção, exposição e admissões condicionadas: travestilidades e espaços de sociabilidade. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 23, n. 3, p. 451-462, 2015.
- MONZELI, Gustavo Artur. Terapia ocupacional social, justiça social e população LGBTI+: com quem produzimos nossas reflexões e ações? **Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional**, v. 30, spe, p. e3095, 2022.
- PAN, Livia Celegati; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira; LOPES, Roseli Esquerdo. Recursos e metodologias para o trabalho de terapeutas ocupacionais na e em relação com a escola pública. In: LOPES, Roseli Esquerdo; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira. (Org.). **Terapia Ocupacional, Educação e Juventudes: Conhecendo Práticas e Reconhecendo Saberes**. 1a.ed. São Carlos: EdUFSCar, 2022, p. 97-126.
- PASTORE, Marina di Napole. **Brincar-brinquedo, criar-fazendo**: entrelaçando pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique. 2020. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.
- PERETTI, Eduardo de Medeiros; YARED, Yalin Brizola; BITENCOURT, Rafael Mariano de. Metodologias inovadoras no ensino de ciências: relato de experiência sobre a criação de um jogo de cartas como abordagem colaborativa. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 7, p. e021012, 2020.

SILVA, Marina Jorge; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Oficinas de atividades, dinâmicas e projetos em Terapia Ocupacional Social como estratégia para a promoção de espaços públicos. **Interface (Botucatu)**. v. 25, p. e200055, 2021.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores Sociais da Diferença. Sociologia. **Grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 14 - 18, 2014.